

## SALUMÃ,

## Os primeiros contatos com esse povo

Ao falar dos Salumã, sete anos depois de tê-los contatado, o Pe. Thomaz Lisboa repete entusiasmado que "eles estão tal e qual foram encontrados". São 135 índios, têm uma só aldeia e vários acampamentos espalhados por uma grande área no Norte de Mato Grosso. A maior parte do ano eles passam pescando. No período dos rituais, os Salumã se reúnem e vivem "tempos intensos de festas", depois retornam aos acampamentos. Nestas duas páginas, o Pe. Thomaz conta como foram os primeiros contatos com esse povo. E explica que para preservar sua cultura, o Ir Vicente Cañas que está há quatro anos na região, "é um perfeito Salumã, no modo de comer, vestir e se entrosar". A enfermeira Terezinha Weber, que os visita para tratamentos, faz o mesmo. Hoje, Thomaz Lisboa está lutando pela demarcação de suas terras. Acompanhe o relato do missionário, começa em 1962:

**D**esde 1962, quando desci pela primeira vez o rio Papagaio, para conhecer o povo Rikbáktsa, ouvi notícias, através de seringueiros da região, da existência de índios isolados, que moravam pelas imediações dos rios Camararé e Doze de Outubro, afluentes do rio Jurueña. Diziam ser índios de índole pacífica, pois não hostilizavam os trabalhadores, mas trancavam os córregos, a fim de que os brancos não atingissem suas moradias. Um desses córregos ficou até conhecido como "córrego dos índios".

Um tal "Goiano", encarregado do barracão do seringal da firma Régis, localizado um pouco abaixo da barra do rio Papagaio com o rio Jurueña, arrematou as suas notícias sobre esses índios, dizendo: "Não sei porque os padres ainda não foram atrás desses índios..."

Com o fim da exploração da borracha nessa região, não mais se falou nesse grupo indígena, mas havia notícia certa de que lá permaneceu.

Oscar Magalhães, piloto do avião que estava a serviço da Missão Anchieta, comunicou-nos ter sobrevoado uma aldeia nas proximidades da margem esquerda do alto rio Jurueña, em 1973.

No dia 23 de novembro do mesmo ano, realizamos um sobrevôo com a finalidade de localizar bem a referida aldeia a fim de podermos organizar uma possível expedição para a atração desse novo grupo indígena. Como participantes foram o pe. Adalberto Holanda Pereira, o chefe Nambikuara da aldeia Tira-Catinga, conhecido como Antônio, e eu. A escolha do chefe Nambikuara, Antônio, para ir junto no sobrevôo foi determinada pela suposição de que o novo grupo indígena fosse dessa mesma nação, considerada a localização referida por Oscar Magalhães em seu primeiro sobrevôo.

Localizamos uma aldeia velha com várias casas e muita capoeira à volta. Um pouco à frente, localizamos uma aldeia nova, pequena, com derrubada recente, ainda não queimada, situada na margem esquerda do rio Jurueña. A aldeia estava colocada acima da barra do rio Camararé, e logo abaixo da barra do rio Juina. Divisamos uma grande lagoa nas adjacências da aldeia nova e esses foram os pontos tomados como referência para

uma futura expedição, por terra, para atração desse novo grupo indígena.

Pela localização, ficamos confirmados na probabilidade de que fosse algum grupo da nação Nambikuara e achamos por bem levar três índios Nambikuara, da aldeia Tira-Catinga, na primeira expedição de contato.

Dia 9 de julho de 1974, os índios Nambikuara conhecidos como Roberto, Zezinho e Baiano, o índio Irantxe Tupxi, Vicente Cañas e eu, iniciamos a expedição, partindo de Porto Feliz, no rio Papagaio em barco a motor de popa U 22.

Dia 22, pelas 14 horas embicamos o barco na entrada de uma grande lagoa, na margem esquerda do rio Jurueña. E encontramos o primeiro sinal evidente da presença dos índios desconhecidos: ali estava tapagem de pesca de um xire (cesto) para recolher peixes. Além disso vimos rasto novo de índio adulto. Com esses sinais procuramos um lugar para fazer o acampamento.

Vemos bem a frente um córrego. Verificamos que também nele havia tapagem para pesca. Andamos pela beira do córrego e achamos um tãrilha bem batida, certamente o caminho para a aldeia. Deixamos cravados em uma árvore uma faca, um machado, um facão e uma batata-doce e alguns capuchos de urucu.

No dia seguinte, fomos olhar a picada. Cheios de surpresa, constatamos que os presentes, deixados no dia anterior tinham sido retirados pelos donos da terra. Seguimos andando com muita cautela. Na frente iam os três Nambikuara, pois os novos índios poderiam ser patrícios seus e seria mais fácil a comunicação.

Andamos uns 20 minutos, chegamos na clareira de uma pequena aldeia, formada por cinco casas, em silêncio e fechadas. Reconheci ser a aldeia vista no sobrevôo. Logo verificamos que os moradores haviam partido pela madrugada. Nas casas havia panela de barro, alguns xires de pesca, feixes de urucu, e eram mal acabadas. Logo deduzimos que era uma simples aldeia de passagem, para onde os índios desconhecidos vinham de tempos em tempos. Resolvemos deixar ali dois facões, dois machados, duas facas, e aguardar a volta dos donos da terra. Retornamos ao acampamento.

Logo surgiu uma dúvida. Foi encontrada uma flecha quebrada e a amarração da pena era idênti-



Este é Kawairi, alegre e descontraido

ca a dos índios Rikbáktsa ou canoeiros de Mato Grosso. Além disso, era certo que os índios em questão dormiam em redes, pois vimos armadores dentro das casas. Não se tratava pois de um grupo Nambikuara. As 15 horas voltamos a aldeia de passagem e encontramos tudo como havíamos deixado. Então decidimos que no dia seguinte continuaríamos pela picada.

Dia 14, domingo. Pelas 15h30min chegamos ao pátio de uma aldeia grande de oito casas grandes em péssimo estado, mas abandonada. Reconheci nela a aldeia velha que vimos no sobrevôo. Dentro das casas, enormes panelas de barro, pilões, cabaças, mas uma coisa chamou a atenção: numa das casas havia resto de fogo recente, fibras de tucum ainda verdes e rasto novo de adultos, mulheres e crianças.

Sendo já tarde, voltamos.

Com a possibilidade de serem Rikbáktsa, os índios com os quais tentávamos entrar em contato, resolvemos dispensar dois dos Nambikuara e ir buscar dois Rikbáktsa. Descemos ao Barranco Vermelho e ficou acertado que o tuxaua Tapema e mais Ogudubá participariam da expedição.

Dia 18 reiniciamos a subida. Dia 22, Tapema, Ogudubá, Roberto e eu fomos a pé para atingir a aldeia de passagem e com surpresa verificamos que os índios desconhecidos haviam voltado ali, recolhido os presentes e retribuído, deixando um beiju de farinha de mandioca, coberto com panela de barro.

## O ENCONTRO

Só no dia 28, após preparati-

vos, reiniciamos a caminhada. Pelas 16 horas atingimos uma grande clareira, era uma roça nova, só de mandioca. Pudemos ouvir o socar do pilão. Tapema adiantou-se do grupo e verificou que se tratava mesmo de uma grande aldeia. Todo o grupo preparou-se para o encontro, ficando só de calção e levando nas mãos os presentes, machados e facões.

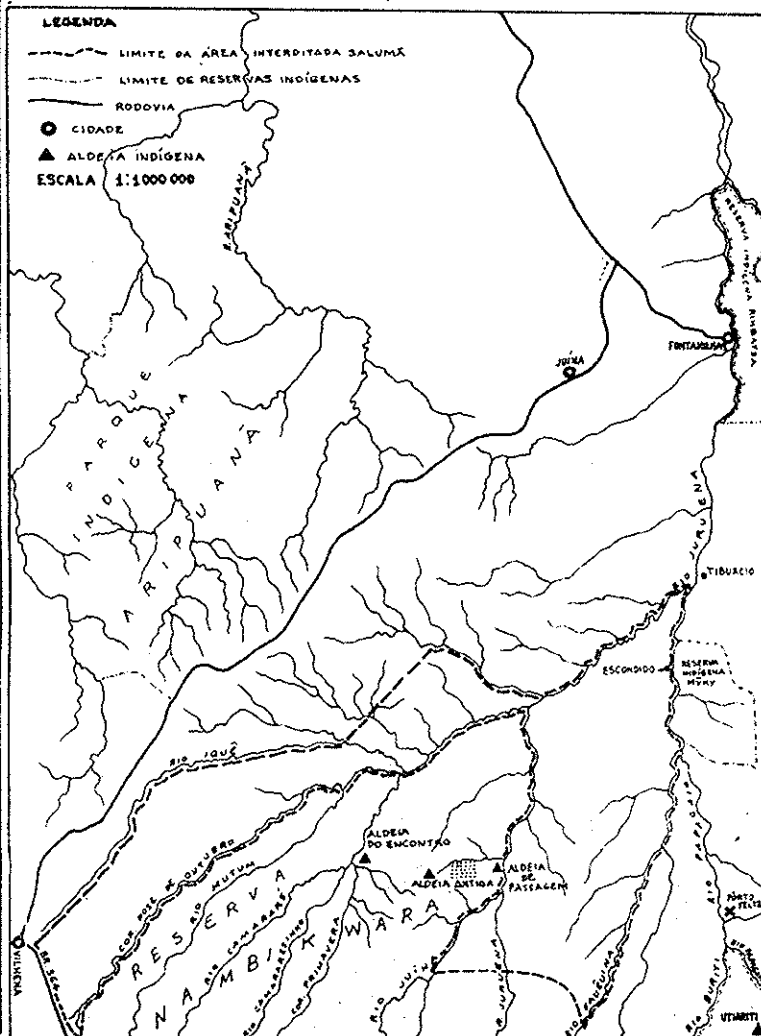
Chegamos a uns 20 metros do pátio da aldeia. Uma criança chorava. Tapema e Roberto escutaram a fala de mulher, mas nada entenderam. Assim vimos que os novos índios não eram Nambikuara e nem Rikbáktsa. Tão próximos a aldeia, ficamos indecisos, pois parecia que na aldeia só estavam mulheres e crianças. Estávamos assim, parados, quando uma menininha índia, saindo de uma das malocas, viu o grupo e correu. Incontinenti, percebendo que já não adiantava ficarmos ali, pois havíamos sido vistos, falei alto:

- Boa tarde!

Houve tal correria na aldeia, de mulheres e crianças para o mato, que ficamos receiosos de haver algum ataque. Porém, passados uns instantes de indecisão, prosseguimos em direção ao pátio e só encontramos um índio aleijado, de meia idade, que não conseguira fugir. Este, avistando-nos fez sinal para que nos aproximássemos. Ele estava indeciso e tremendo de medo. Sentamo-nos aos pés dele, colocando no chão os facões e machados. Aos poucos o índio ficou calmo e maravilhado com os presentes. Falava muito e gesticulava. Então deduzi que o novo grupo indígena parecia ser Aruak: estilo das malocas, a casa das flautas, o sotaque da língua.

Achando o primeiro contato suficiente fomos pousar na roça. Saímos, o índio aleijado começou a gritar. No dia seguinte, 29, às 7 horas, três índios aproximaram e chegaram até onde estávamos. Traziam arcos e flechas, sendo um deles mais idoso e os outros dois de meia idade: cabelos compridos caindo nas costas e aparados na região temporal, acima das orelhas. Boa estatura, mais brancos do que escuros, trazendo no peito adornos de algumas penas encastoadas em peças arredondadas e trabalhadas, de coco de tucum, tendo tiras finas de algodão apertando o biceps e a barriga da perna e nos tornozelos, fitas mais largas. O pênis estava embutido e amarrado com palhinha. Nas orelhas traziam argolinhas pretas, também de tucum, nas quais estavam presas conchas brancas de forma triangular.

Logo receberam mais um facão e um machado e mostraram-se muito emocionados, falando e gesticulando muito. Ao verem





# Uma nação pacífica e extrovertida

os colares que Ogudubá e Vicente levavam, não tiveram dúvida e pegaram para si. Então fizemos sinal de que estávamos com fome e fomos levados a aldeia. Ela estava deserta (contamos sete casas grandes em círculo). Só os três homens estavam ali, servindo como testas-de-ferro desse primeiro contato. Logo os três trouxeram cabaças de chicha de mandioca, e bebemos.

O índio mais idoso, a certo momento, retirou-se para o mato. Depois de algum tempo voltou trazendo três mulheres, mais dois homens e um menino de uns dez anos. Um dos homens era velho, apoiado em bastão. As mulheres tinham cabelo comprido, aparados acima das orelhas, tal como os homens. Usavam cintos com muitas voltas, feitos de tucum. Traziam mini-saias feitas de algodão e tingidas de urucu. Na barriga das pernas traziam argolas de borracha. Na altura do umbigo, tinham muitos traços desenhados, tatuagens. Como os homens, traziam tiras finas de algodão, apertando o biceps. Nas orelhas, brincos iguais aos dos homens. Uma era bem velha, a outra de meia idade e a terceira, mais jovem. Elas foram buscar beiju e trouxeram mais de dez bolos. Mostraram-se muito expansivas, alegres e comunicativas.

Uma das resoluções mais sérias que nos propusemos, era a de permanecermos só o tempo necessário para não sermos portadores de doenças. Por isso, pedimos as cabaças e as cuias para levarmos para evitar transmissão de germens prejudiciais ao índio recém-encontrado. Retiramo-nos e fomos seguidos pelos três índios testas-de-ferro. De repente eles começaram a gritar para que parássemos. Vinham correndo dois jovens pintados de urucum na face, com arco e flecha e desejavam conhecer-nos. Fortes, peitos largos, igualmente emocionados, expansivos. Agora éramos seguidos por cinco. E mais a frente se repetiu a cena, pois vieram correndo mais três índios, homens maduros e fortes que também desejavam conhecer os que tão pacificamente tinham chegado em sua aldeia. Os índios recém-encontrados queriam que voltássemos para a aldeia. Mas, repetimos por sinais, que iríamos voltar só na outra lua.

## RIO CAMARARÉ

Os Salumã mostravam-se admirados pelo fato de chegarmos ao Juruena e termos que andar a pé um grande trecho para atingirmos a aldeia. Falavam: "Tu-tu-tu-tu" e, com gestos, indicavam que era para chegar-

mos de barco até perto da aldeia, subindo por um córrego, afluente da margem esquerda do Juruena. Resolvemos fazer um novo sobrevôo para conferir.

Depois das observações aéreas ainda tínhamos um conhecimento imperfeito: supúnhamos que a aldeia ficava na margem direita de um pequeno córrego e que esse era afluente de um outro córrego maior - que por falta de informações o denominamos "Córrego Sulimã". Verificamos, no entanto, depois, que esse córrego maior era o próprio rio Camararé. Estava encontrada uma via mais rápida de acesso à aldeia.

Era a primeira tentativa pelo rio Camararé. Vicente, o índio Paresi conhecido por Gigi (muito mas, muito disponível e prático) e eu, eramos os participantes desta viagem. No dia 15 de julho de 1975 saímos de Tibúrcio. No dia 16, entramos no Camararé. Só no dia 18, depois de vários problemas no motor do barco, é que conseguimos prosseguir viagem. Fomos então surpreendidos por um índio Salumã, que aceitou alguns presentes e convidou Vicente para ir até a aldeia, que pelos nossos cálculos estava bem perto.

## "Permanecemos o tempo suficiente para não portarmos doenças"

Depois eu mesmo resolvi ir à aldeia e dê fato: o acesso por esse caminho é de um pouco mais de uma hora. Pelo lado do Juruena, gastávamos um dia todo e andando bem. Tomei banho, pintei-me de urucum e Yanaylili levou-me para sua maloca e assentei-me perto do fogo, comendo beiju. Apresentaram-me mocinhas, descontraídas e riso-



Os três Salumã que receberam a comitiva

nhas. Deram-me um machado e tive que cortar lenha e carregá-la. Ainda puxaram-me para dançar.

19 de julho. Pela madrugada fizeram com que nos levantássemos e fomos para o pátio, participar do ritual. Estavam com belos enfeites, e só os homens cantaram e dançaram até o amanhecer. Pelas 6 horas da manhã, apesar da insistência para que ficássemos, partimos.

Desta vez havíamos deixado quatro caixas de facas, machado e muito anzóis. Por iniciativa particular pegaram dois chapéus, uma bota de borracha, uma espingarda 22, dois sacos de castanha, cordas de rede, pratos, sapato, fumo. Ficamos convencidos que o melhor era chegar até eles só com o necessário, deixando tudo o que pudesse aguçar a curiosidade deles.

## ALDEIA NÃO ATINGIDA

Vicente ia para ficar com os

Salumã, convivendo com eles. Tupxi e eu iam levá-lo. Partimos no dia 21 de novembro de 75, sexta-feira cedo. Neste mesmo dia, no fim da tarde, entramos no rio Camararé. Encontramos um bom lugar para pouso, e notamos na margem esquerda um acampamento dos Salumã, pois lá havia muitos xires enormes, ainda bem conservados. Choveu pela madrugada.

No dia 22 prosseguimos viagem, paramos numa praia, à margem esquerda e deixamos ali tudo o que não iam precisar. Mais adiante vimos duas ca-

## "Deram-me um machado e eu tive que cortar lenha"

noas dos Salumã encostadas num barranco vermelho. Logo ouvimos gritos e era Kokore, um deles, que acenava para que encostássemos o barco. Logo apareceram duas mulheres, cada qual com uma criança no colo. Ali havia um pequeno rancho, só para defender da chuva. Paramos o barco e andamos um quilômetro até chegarmos num acampamento. Lá encontramos mais uma mulher com uma criança. Ao me sentar no chão, uma mulher cortou meu cabelo. Voltou a chover e as mulheres foram para outra maloca. Quando a chuva parou voltamos ao barco. Chegou Oritaka remando numa canoa menor. Também ele fez suas pesquisas, mas nada encontrou para levar. A essas alturas um outro grupo havia chegado. À noite dormimos no barco e os índios no acampamento.

No dia 23 cedo, os Salumã trouxeram chicha de mel. Depois prosseguimos viagem. Kokore e Oritaka foram conosco. Mais acima, na barra de um córrego, um deles fez embicar o barco, e caminhou por um trilho. Logo apareceu Mawroete e um menino simpático, com cabelos compridos. Subimos mais uns 15 minutos e todos os Salumã pediram para ficar.

Dia 24 prosseguimos. Numa enseada grande, com derrubada na margem, paramos e Vicente e Tupxi foram ver. Encontraram um caminho batido e Tupxi voltou dizendo que achava ser o da aldeia. Começou a chover e Vicente voltou também, todo molhado. Resolvemos voltar e verificar melhor o local onde encostamos na última vez. Mas nada, veio a barra do rio com o 12 de outubro, fomos subindo, encontramos os Salumã no lugar onde os havíamos deixado. Kokore dentro de uma canoa, fazia gestos insistentes para que parássemos. Passamos por eles, fizemos a volta e tornamos de novo, abandonando as mãos. Ao notar que nos afastávamos eles faziam gestos mais insistentes. Eu disse

- Vão ficar brabos.  
- Não, esses índios não ficam brabos - respondeu Vicente.

Quando olhamos para trás, lá vinham eles remando atrás de nós. Mas logo ganhamos distância e os perdemos de vista. Paramos e recolhemos tudo, onde havíamos deixado nossas coisas. Havia sol, ao contrário da manhã, quando chovera e ventara.

Logo veio a barra do Camararé, o Caixão de Pedra, etc. Era noite escura quando chegamos no porto de barra do Papagaio. Vicente tinha que esperar outra ocasião para ficar entre os Salumã. (Thomaz Lisboa).

## VEREDA TROPICAL JB, 26/04/82.

